

MARIA JOÃO NETO  
(COORD.)

# MONSERRATE REVISITADO

A COLEÇÃO COOK EM PORTUGAL

200 ANOS DO NASCIMENTO DE SIR FRANCIS COOK  
MECENAS E COLECIONADOR DE ARTE – 1817-2017



# MONSERRATE REVISITADO

A COLEÇÃO COOK EM PORTUGAL

200 ANOS DO NASCIMENTO DE SIR FRANCIS COOK  
MECENAS E COLECCIONADOR DE ARTE – 1817-2017

## TÍTULO

Monserrate Revisitado A Coleção Cook em Portugal

## PRODUÇÃO

Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A.

## RESPONSÁVEL GERAL DO PROJETO

António Nunes Pereira

## COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Maria João Neto

## REVISÃO EDITORIAL

Teresa Neto

## DESIGN GRÁFICO

José Dias Design, Lda.

## CAPA

Gregorio di Lorenzo, *Virgem e o Menino*, c. 1470

© PSML, João Krull, 2017

## EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Caleidoscópico – Edição e Artes Gráficas, S.A.

Lisboa, 2017

Rua de Estrasburgo, 26 – r/c dto.

2605-756 Casal de Cambra, Lisboa, Portugal

Telef.: (+351) 21 981 79 60 | Fax: (+351) 21 981 79 55

caleidoscopio@caleidoscopio.pt | www.caleidoscopio.pt

## IMPRESSÃO

Greca – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-658-481-8

Dep. Legal: 432943/17

DOI: 10.19262/978-989-658-481-8

calei  
d o s c  
o p i o

Parques de Sintra  
Monte da Lua

200 ANOS NASCIMENTO 200 ANOS  
FRANCIS COOK



Palácio de Monserrate, Sala da Música,  
pormenor do teto.  
© PSML, João Krull, 2017.



## ÍNDICE

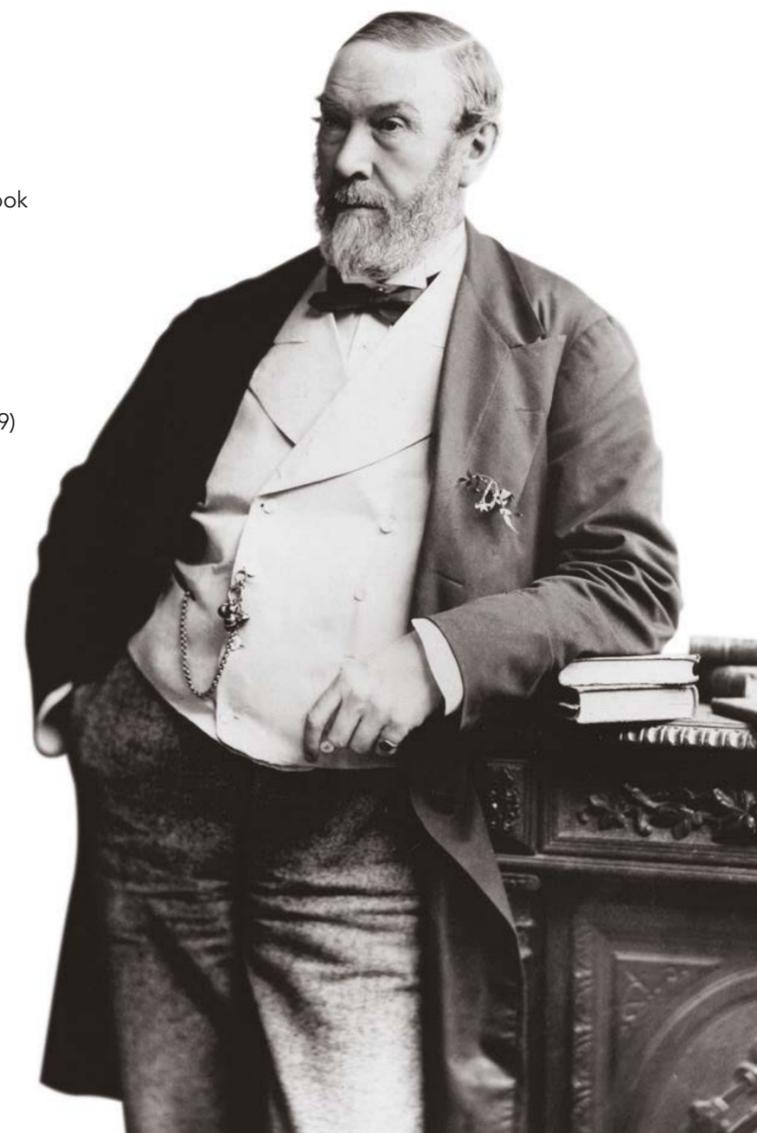
- TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
- 35 Dr. Manuel Baptista  
35 Dr.ª Sofia Cruz
- 35 A exposição *Monserate Revisitado* no Duplo Centenário do Nascimento de Sir Francis Cook 1817-2017  
António Nunes Pereira / Maria João Neto

## PARTE I

- ESTUDOS
- 35 Traços do Romantismo Inglês na Serra de Sintra: A Quinta de Monserate  
António Nunes Pereira
- 35 Monserate: a primeira obra da coleção de Francis Cook  
Maria João Neto
- 35 Monserate. A Casa Inglesa Oitocentista em Sintra Divisões, Articulação e Vivência  
Mariana Schedel
- 35 Os jardins de Francis Cook em Monserate (1867-1889)  
Gerald Luckhurst
- 35 O Convento dos Capuchos da Serra de Sintra: uma "ruína artística" de Sir Francis Cook  
Nuno Miguel Gaspar
- 35 Francis Cook, 1.º Visconde de Monserate, 1817-1901: A Coleção Cook  
John Somerville
- 35 John Charles Robinson o amigo e conselheiro  
Vera Mariz

Palácio de Monserate, Sala de Arte Sacra, vitrais.  
© PSML, João Krull, 2017.

Retrato de Sir Francis Cook (c. 1890), de um álbum pertencente à coleção de Brenda, Lady Cook.  
© Robin Briault | National Gallery of Art de Washington.





Pia de Água Benta, cat. 32, pormenor.  
© PSML, João Krull, 2017

- 35 *A Sombra Mais Intensa: Uma Biografia de Tennessee Claflin, Viscondessa de Monserrate*  
Cari Carpenter
- 35 Entre o colecionismo privado e público: Herbert Cook enquanto mecenas das artes na viragem para o século xx  
Barbara Pezzini
- 35 Sir Francis Ferdinand Maurice Cook, 4.º Baroneiro (1907-1078), o último dos proprietários Cook de Monserrate: uma apreciação  
John Somerville
- 35 As últimas vivências em Monserrate  
Margarida Magalhães Ramalho
- 35 Os fotógrafos de Monserrate: a fixação da memória dos sumptuosos interiores do Palácio até ao Leilão de 1946  
Clara Moura Soares
- 35 1946. Monserrate em leilão  
Hugo Xavier
- 35 Projeto de recuperação do Palácio de Monserrate (2007-2012)  
Luísa Cortesão
- 35 Regresso ao Palácio de Monserrate: *A Madonna Cook* de Gregorio di Lorenzo  
Alfredo Bellandi
- 35 Restaurações das peças expostas  
Luís Soares
- 35 *Monserrate Revisitado*: os principais desafios de um projeto curatorial

## PARTE II

### CATÁLOGO DAS PEÇAS EXPOSTAS

- 35 Teresa Neto
- 35 1. Virgem com o Menino
- 35 2. Retábulo da Paixão de Cristo (Calvário, Ressurreição, Ascensão)
- 35 3. Santa Catarina
- 35 4. Santo António e o Menino
- 35 5. Vénus e Meleagro
- 35 6. Bustos femininos (2)
- 35 7. Antínoo como sacerdote imperial (?)
- 35 8. Busto de imperador
- 35 9. Hércules menino lutando com as serpentes
- 35 10. Galeria de Escultura
- 35 11. Fonte de Afrodite Kypria ou Citereia
- 35 12. Apolo Musagetes e as Musas das Artes
- 35 13. Jalis (conjunto de doze painéis)
- 35 14. Alegoria à vitória sobre o império Otomano
- 35 15. Pedestal
- 35 16. Santa Ana / Mater Dolorosa (?)
- 35 17. Cristo Crucificado
- 35 18. Apóstolos
- 35 19. Artemis e Orion, relevo adaptado a porta da Biblioteca
- 35 20. Fauno
- 35 21. Cavalos de Marly
- 35 22. 'Tríptico Cook': Lamentação sobre o Corpo de Cristo / São Francisco de Assis / Santo António de Lisboa
- 35 23. Natureza Morta com flores e pato
- 35 24. Mesa de centro Indo-Portuguesa
- 35 25. Estantes de Biblioteca
- 35 26. Secretária dupla (*Partners' desk*)
- 35 27. Cadeira de estrutura lateral em X (*X-frame side chair*)
- 35 28. Gomil
- 35 29. Gomil
- 35 30. Saleiro-pimenteiro
- 35 31. Lampadário
- 35 32. Pia Água Benta
- 35 33. Sagrada Família
- 35 34. Salva de pé baixo
- 35 35. Salva
- 35 36. Panóplia
- 35 37. Urna com tampa (par)
- 35 38. *Frasco Lua*
- 35 39. *Jarra de Fertilidade*
- 35 40. *Jarrão Jingtailan*
- 35 41. Colcha
- 35 42. Colcha
- 35 43. Tapete
- 35 44. Hídria de figuras negras com Aquiles e Troilo
- 35 45. Fonte Etrusca
- 35 46. Vaso Martaban
- 35 47. Vaso de Alhambra
- 35 48. Azulejos mudéjares
- 35 49. John Charles Robinson, "The early Portuguese School of Painting, with notes on the pictures at Viseu and Coimbra, traditionally ascribed to Gran Vasco"
- 35 50. John Charles Robinson, "Cintra. An English Landscape Garden in Portugal"
- 35 51. Herbert Cook, "Monserrate – Portugal: one of the world's loveliest spots"

Salva de Prata, cat. 35, pormenor.  
© PSML, João Krull, 2017





## MONSERRATE. A CASA INGLESA OITOCENTISTA EM SINTRA DIVISÕES, ARTICULAÇÃO E VIVÊNCIA

Mariana Schedel

Instalada numa encosta amena da Serra de Sintra, a Quinta de Monserrate insere-se no universo do Romantismo inglês. O cunho deste movimento intelectual está patente no paisagismo do seu parque e na configuração arquitetónica e decorativa do edifício de habitação principal, conforme já foi comprovado na literatura científica da especialidade<sup>1</sup>. O mesmo se passa em relação à organização dos espaços internos deste edifício de habitação principal, algo que nunca foi estudado e que é precisamente o tema do presente artigo.

O facto de a casa de Monserrate não ser uma morada permanente não obstava a que integrasse todas as comodidades e ditames do figurino dos espaços domésticos românticos ingleses. Embora se verifique a contração do espaço e uma sintetização do número e tipologia de compartimentos habituais. Esta opção estará relacionada com os dois objetivos principais de Francis Cook para a sua casa em Sintra: manter, por um lado, a casa habitada por Beckford – preservando as paredes exteriores e a forma genérica dos interiores; e desenvolver, por outro lado, o novo edifício com base em aspirações românticas relacionadas com uma vida mais simples, plenamente integrada na natureza.

Estes objetivos terão contribuído para a eleição do conceito de Pavilhão de Jardim, como ponto de partida no projeto dos arquitetos Knowles. Este conceito possibilitava uma boa adaptação à escala do palacete do século XVIII preexistente e, ao mesmo tempo, abraçava ideais estéticos e aspirações vivenciais que o diferenciavam face aos palácios de morada permanente das elites no século XIX.

Os pavilhões inserem-se no âmbito de jardins, gerindo ao máximo o sentido de proximidade com a natureza, através da forte fenestração, criação de espaços

Palácio de Monserrate,  
Átrio Principal, c. 1920.  
© Arquivo Histórico de Sintra - CMS.

<sup>1</sup> Neto, Maria João, *Monserrate. A casa romântica de uma família inglesa*. Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015; Freitas, João Sande de, *Parque e Palácio de Monserrate*. Sintra: PSML e Scala, 2011; Luckurst, Gerald, *Monserrate, an English Landscape Garden in Portugal (1790-1901)*. University of Bristol: Tese de Doutoramento, outubro 2014.

intermédios (varandas, pórticos etc.) e moderada elevação dos alçados, como acontece em Monserrate. Estas estruturas estão associadas à contemplação, ao prazer e à beleza, servindo, também, de abrigo às mutações da natureza<sup>2</sup>. Habitualmente são edifícios secundários, excêntricos à casa principal – destinada à vida quotidiana – que funcionam como espaços ficcionais ou imaginários fora do tempo e do espaço. No caso de Monserrate, a ‘casa principal’ dos Cook situa-se em Richmond, próximo da capital inglesa, onde tinham os seus negócios de têxteis. As numerosas fontes literárias oitocentistas sobre arquitetura e domesticidade inglesa, nomeadamente guias, tratados e artigos de periódicos, em coordenação com fontes primárias sobre Monserrate como fotografias e catálogos<sup>3</sup>, permitem compreender a casa de Monserrate segundo a vivência inglesa característica da sua época.

Entre as fontes oitocentistas consultadas destaca-se: *The Gentleman's House Or, How to Plan English Residences, from the Parsonage to the Palace* (1865) de Robert Kerr<sup>4</sup>, na medida em que sintetiza e aumenta praticamente toda a informação proposta na bibliografia da sua época. Também se salientaram as obras: *Art decoration applied to furniture* (1878) de Harriet Elizabeth Prescott Spofford<sup>5</sup>; *Hints on Household Taste in Upholstery, and other Details* (1865) de Charles Eastlake<sup>6</sup>, *The House Beautiful (...)* (1878) de Clarence Cook<sup>7</sup>, e ainda, a obra *Every-day art, short essays on the arts not fine* (1882) de Lewis Foreman Day<sup>8</sup>, apresentada pelo próprio como um conjunto de ensaios sobre a arte aplicada ao quotidiano doméstico, com intenção de originar uma obra que estivesse a meio caminho entre o domínio técnico e o domínio literário.

Os principais temas enunciados pelos autores oitocentistas neste tipo de literatura são:

1. A regulação das relações humanas dentro da habitação através da arquitetura (p. ex.: entre pais e filhos, padrões e empregados, família e visitas);
2. A definição dos compartimentos principais e os secundários;
3. A disposição e tipo de objetos adequados a cada compartimento;
4. As cores, mobiliário e materiais da decoração;
5. A higiene e a salubridade.

Estes temas advêm de premissas típicas do século XIX, designadamente o conforto, a privacidade, a conveniência e a confiança na tecnologia e cientificidade.

O tema da regulação das relações humanas dentro da habitação propunha-se como forma amplificar as referidas premissas características do século XIX. O conforto, privacidade e conveniência de cada utente da casa estava garantido pela divisão física entre pisos e compartimentos, pela graduação progressiva entre os compartimentos públicos e os compartimentos privados a partir dos diferentes acessos da casa e, ainda, pela possibilidade de comunicar dentro de casa através de novas tecnologias, como as campainhas.

<sup>2</sup> Freitas, *Parque e Palácio...*, 32 e 33.

<sup>3</sup> Neto, *Monserrate...*, 89 a 115.

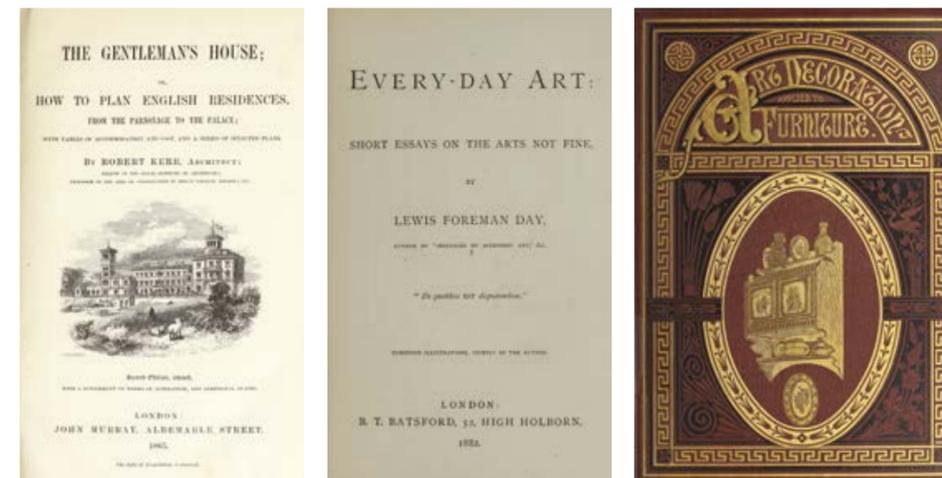
<sup>4</sup> Robert Kerr, 1823-1904, arquiteto. (The Dictionary of Scottish Architects (DSA) - [www.scottisharchitects.org.uk](http://www.scottisharchitects.org.uk)).

<sup>5</sup> Harriet Elizabeth Prescott Spofford, 1835-1921, escritora. (ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA: <http://www.britannica.com>). *Art decoration applied to furniture*, compilação de trinta e sete artigos anteriormente publicados na revista Harper's Bazar.

<sup>6</sup> Charles Locke Eastlake, 1836-1906, museólogo e crítico de arte. (ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA: <http://www.britannica.com>). *Hints on Household Taste in Upholstery, and other Details* reúne artigos sobre o tema da decoração doméstica publicados em periódicos, como *Cornhill Magazine*, *The Queen* e *London Review*.

<sup>7</sup> Clarence Cook, 1828-1900, crítico de arte. (Voorsanger, Catherine Hoover – Dictionary of Architects, Artisans, Artists and Manufacturers. In *Pursuit of Beauty: Americans and the Aesthetic Movement*, New York: Metropolitan Museum of Art, 1986, 412. *The House Beautiful: Essays on Beds and Tables, Stools and Candlesticks*, ensaios sobre a temática da casa, publicados no periódico *Scribner's Monthly*.

<sup>8</sup> Lewis Foreman Day, 1845-1910, figura central do movimento Arts and Crafts. (Oxford Index: <http://oxfordindex.oup.com>).



Capa da obra de Robert Kerr, *The Gentleman's House; or How to plan English residences, from the Parsonage to the Palace*, Londres, 1865.

Capa da obra de Lewis Foreman Day, *Every-day art, short essays on the arts not fine*, Londres, 1882.

Harriet Prescott Spofford, *Art Decoration Applied to Furniture*, Nova Iorque, 1878.

No que diz respeito ao tema da definição de compartimentos observa-se uma concordância geral sobre a necessidade de compartimentação da casa em divisões que permitam o seu funcionamento quotidiano e a sua fruição com ótimos níveis de conforto, conveniência, privacidade e salubridade. A Entrada, Sala de Jantar, Sala de Estar, os Quartos de Cama e Cozinha, definiam a estrutura geral do projeto da casa, em redor da qual se acrescentavam outros compartimentos, segundo o tipo de vida e aspirações dos utilizadores, nomeadamente a Biblioteca, a Sala de Fumo, a Sala de Bilhar, a Sala de Musica, a Sala de Baile, o *Boudoir*, Despensas, etc.<sup>9</sup>

No tema geral da decoração, que engloba a disposição de objetos em cada compartimento e, também, os materiais, mobiliário e cores utilizadas, observa-se uma padronização da decoração segundo as diferentes divisões da casa.<sup>10</sup> No que concerne ao mobiliário, por exemplo, para as Salas de Jantar e Bibliotecas eram aconselhados «estilos» mais austeros como o estilo Renascença, enquanto para as Salas de Estar e Boudoirs eram aconselhados «estilos» considerados mais leves, como os «estilos» orientais ou o «estilo» rococó.<sup>11</sup> O mesmo tipo de padronização se aplica à cor e aos materiais utilizados, sendo habituais tons ricos e profundos em têxteis mais densos nas Salas de Jantar e, por oposição, nas Salas de Estar tons claros ou em degradé e têxteis mais leves.<sup>12</sup>

Estes conselhos sobre a decoração de efeito mais austero ou mais ligeiro estavam relacionados com um sistema semi-abstracto de organização da casa, baseado na dialética entre o universo Masculino e o universo Feminino – opostos e complementares. Esta dialética resulta de uma lógica própria do tempo, em que a casa familiar ideal devia estar perfeitamente equilibrada no balanço entre os dois sexos.

<sup>9</sup> Spofford, Harriet Prescott, *Art Decoration Applied to Furniture*, Nova Iorque: Harper's and Brothers Publishers, 1878, 186 a 215; Robert Kerr, 1865, III a XX [Index].

<sup>10</sup> Muthesius, Stefan, *The Poetic Home. Designing the 19th Century Domestic Interior*. Londres: Thames and Hudson, 2009, 156 e 210.

<sup>11</sup> Day, Lewis Foreman, "How to decorate a room – modern instances". In *Every-day art, short essays on the arts not fine*, London: B. T. Batsford, 1882, 198.

<sup>12</sup> Spofford, *Art Decoration...*, 191.

Palácio de Monserrate, Átrio Sul, c. 1920.  
© Arquivo Histórico de Sintra - CMS.



<sup>13</sup> «Dining Room (...). It need not be somber and dull, or indeed devoid of cheerfulness in any way; but so far as forms, colors, and arrangements can produce such a result, the whole appearance of the room ought to be that of masculine importance.» (Kerr, Robert, *The Gentleman's House or How to plan English residences from the parsonage to the Palace*. Londres: John Murray, 1865, 93). «Drawing-Room. There is no reason for simplifying or abating the splendor of the drawing-room (...). Whatever of light, airy elegance and beauty is within the power of the furnishers of the house should be lavished on it. Solid wealth and comfort belong to the dining-room, but as soft and gay a beauty is demanded for the other as can be imagined and procured. Even were it not for the desired warmth and substantiality of the deep tints in the dining-room, yet the use and nature of that room suggest rather its dress in what the poets call the strong male colors, leaving the delicate tints for the more feminine character of the drawing-room. As we have before had occasion to remark, facts concerning the origin of every room should have weight in its general furnishing; and while the library may be considered to be born of the lord's "solar," the drawing-room is the result of the first separation of the lady's chamber from the great hall, even if it does not in some measure represent the gynoeceum of the ancients, and is therefore essentially one of the feminine apartments (...).» (Spofford, *Art Decoration...*, 215).

<sup>14</sup> Kerr, *The Gentleman's House...*, 157.

Esta dialética parece ter sido aplicada em Monserrate, como na maioria das casas inglesas do seu tempo. É perceptível através da observação de três aspetos patentes nos compartimentos domésticos:

1. Localização;
2. Configuração decorativa;
3. Utilização.

No que diz respeito ao pólo masculino, os compartimentos principais deveriam estar localizados mais perto da entrada de casa, apresentar uma decoração mais sóbria e a sua utilização era dominada pela presença masculina. Os compartimentos do pólo feminino, por oposição posicionavam-se mais longe da entrada principal, deviam apresentar uma decoração mais leve e a sua utilização era dominada pela senhora da casa.<sup>13</sup>

Cada um destes temas apresentado pela literatura oitocentista sobre a articulação e decoração dos interiores domésticos podem ser descortinados, a cada passo, no interior de Monserrate.

No corpo cilíndrico localizado a Sudeste encontra-se a entrada principal da casa, devidamente protegida por um pórtico<sup>14</sup>. O Átrio Principal apresenta-se como um hall de planta circular, onde os visitantes se deparavam com uma *amostra honesta do resto da casa* – um espaço que *preparava e conduzia o espírito para*



Palácio de Monserrate, Sala de Jantar, c. 1920.  
© Arquivo Histórico de Sintra - CMS.

o efeito proporcionados pelos restantes compartimentos, como aconselhado por especialistas da época<sup>15</sup>.

Na realidade, tanto o exterior da casa, como o Átrio Principal de Monserrate, exibem o programa geral que a família e os seus convidados podiam experienciar. O programa decorativo exterior foi transportado para o interior, sem interrupções nem inflexões diferenciadoras. As cores, os temas, os padrões, os perfis dos vãos, etc. são os mesmos no exterior e no interior. A ligação à natureza circundante e a referência a culturas consideradas exóticas, como a Indiana e a Mourisca, são dois fatores entrecruzados responsáveis por esta opção.

A harmonia e continuidade vão além do programa decorativo, pois a casa de Monserrate apresenta-se como um objeto arquitetónico auto-explicativo, onde a simplicidade do traçado revela, exatamente, a simplicidade pretendida para a sua vivência. A ausência de portas entre as salas principais do piso social e a absoluta regularidade das suas dimensões, organizadas segundo o corredor principal e o octógono central, permitem que os fruidores não se sintam perdidos num palácio – com corredores, becos e portas fechadas – mas que desfrutem da casa com a tranquilidade e informalidade desejável num verdadeiro pavilhão de jardim.

Após o Átrio Principal, de cada lado do corredor encontra-se a Sala de Jantar e a Biblioteca, os dois compartimentos mais importantes da face masculina da casa.

<sup>15</sup> Day, *Every-day art...*, 191.

Palácio de Monserrate, Biblioteca, Knight Frank & Rutley, Monserrate – Portugal: one of the world's loveliest spots, c. 1928. © PSML.



Era nestes espaços que, durante a manhã, o senhor da casa recebia visitas particulares e de negócios, sem perturbar e sem ser perturbado pela zona privada da casa, onde se encontravam as senhoras e convidados. Além de trabalhar e acolher visitas, era na Biblioteca que o senhor da casa podia ler, escrever ou simplesmente estar, em inglês: «to lounge»<sup>16</sup>. A Sala de Jantar, utilizada somente à hora das refeições, silenciosa e vazia o resto do tempo, servia como sala de espera da Biblioteca, sobretudo em casas mais pequenas como Monserrate<sup>17</sup>. Por estas razões, estes compartimentos se localizavam perto um do outro e na primeira linha junto à entrada de casa.

Este entendimento dual (Masculino e Feminino), da organização da casa não correspondia a uma divisão ou a inacessibilidade dos espaços a qualquer um dos sexos. No entanto, por princípio, as senhoras não estavam na Biblioteca; somente *entravam* na Biblioteca juntando-se a quem estava, e o oposto acontecia na Sala de Estar. Como exemplo desta realidade, veja-se a narrativa sobre Monserrate na *Ilustração Portuguesa*, em que ao descrever a Biblioteca onde se encontrava com visconde de Monserrate o jornalista refere que: «(...) algumas senhoras, em vestidos claros, irrompem pela bibliotheca, interessam-se no trabalho com os senhores viscondes (...)»<sup>18</sup>

<sup>16</sup> «Library – (...) it would be an error, except in very special circumstances, to design the Library for mere study. It is primarily a sort of Morning-room for gentlemen rather than anything else. Their correspondence is done here, their reading, and, in some measure, their lounging; – (...). At the same time the ladies are not exactly excluded.» (Kerr, *The Gentleman's House...*, 116).

<sup>17</sup> «It is to be remembered that the Dining-room is always subject to be used during the morning as a waiting-room for the gentleman's visitors; this is a standard necessity in small houses, and no less practically the rule in even the largest; its position therefore ought to be sufficiently near the Gentleman's-room or study.» (*Idem*, 98).

<sup>18</sup> «Habitações Artísticas – O palácio de Monserrate (Notas rápidas)», in *Ilustração Portuguesa*, n.º 47, 26 de setembro de 1904, 742.

No que concerne à decoração da Biblioteca e da Sala de Jantar, pretendia-se transmitir os valores de conforto, segurança e abundância, que simbolizavam o sentido familiar (patriarcal). Por isso, utilizaram-se cores ricas e profundas no papel de parede, têxteis e revestimentos de origem animal.<sup>19</sup> No que concerne ao mobiliário, cuja indústria no século XIX estava dominada pela catalogação em estilos históricos e exóticos, em Monserrate encontrava-se o revivalismo do Renascimento, uma opção habitual da época para este tipo de compartimentos, porque as peças têm por base linhas exteriores direitas e elementos decorativos inspirados na arquitetura clássica, que contribuíam para criar o efeito de “conforto sólido” e do “carácter e importância masculina”.<sup>20</sup> Na Sala de jantar, as telas de grande escala de mestres do século XVI e XVII com temas históricos e religiosos, eram outro contributo para imprimir solenidade ao espaço, assim como os livros encadernados em pele que preenchiam as prateleiras da Biblioteca.<sup>21</sup>

Ao centro da fachada voltada para a relva encontra-se o segundo meio principal de acesso ao interior da casa. Esta porta, de ligação direta ao jardim, destinada família e hóspedes era um atributo doméstico usual neste tipo de habitações, referenciado em particular na obra de Robert Kerr.<sup>22</sup> Habitualmente posicionava-se ao centro do edifício, na fachada defronte para o jardim, como acontece em Monserrate. Este posicionamento permitia o acesso direto às salas de convívio e, principalmente, aos aposentos do primeiro piso (quartos de dormir), através da Escada de Aparato. Trata-se de um esquema próprio da circulação doméstica do tempo que possibilitava, por exemplo, após um passeio, que as senhoras se dirigissem diretamente aos quartos sem passar por salas principais da casa, nem pela solenidade do Átrio de Entrada.

<sup>19</sup> «The first impression, then, which the dining-room should make on the beholder, the constant one it should make upon its occupants, is that of solid comfort. There is to be no airy trifling either with colors or fabrics there, and fussy fancy-work must not presume to show its face in such precincts. The colors must be those substantial colors which hold their own – the rich crimsons, the dark blues, the dull Pompeian reds and olivines, and kindred tints, according to one's choice, but those which, being of full body, present no appearance of having faded from the original hue (...)» (Spofford, *Art Decoration...*, 191).

<sup>20</sup> *Idem*, 191; Kerr, *The Gentleman's House...*, 94, 93 e 107; Muthesius, *Poetic Home...*, 210.

<sup>21</sup> Neto, *Monserrate...*, 99 a 106.

<sup>22</sup> «Its purpose is to provide a means of communication with the Garden which shall serve for the whole of the rooms of the Family Department as a group. There may be a Lobby, or a species of Ante-room, or a Conservatory; or there may be a doorway in the Staircase or Saloon, either with or without a Porch attached in whichever case; (...). In position, it may be central in exterior or interior effect; (...)» (Kerr, *The Gentleman's House...*, 163).



Carlos Relvas, fotógrafo, Palácio de Monserrate, Quarto de Hóspedes, fotografia estereoscópica, c. 1883. © BIACR, 00029-000-045.

Palácio de Monserrate, perspetiva torreão sul, postal ilustrado, c. 1880. © PSML.



No interior, o *hall* da Entrada do Jardim é delimitado por quatro painéis alabastro de origem indiana – revivalismo da arte do império Mogul – que funcionam como biombo e criam o efeito de privacidade no acesso aos quartos de cama do piso superior. No sentido inverso, deve referir-se que a Escada de Aparato, que fazia a ligação com os quartos, apresenta um desenho arquitetónico e decoração adequada ao momento da descida das senhoras e senhores com as *toilettes* compostas para as várias ocasiões (passeio, jantar etc.). Esta descida, principalmente à hora de jantar, em dias de festa, devia ser marcada por uma certa cerimónia.

Ainda junto ao átrio da Entrada do Jardim encontra-se um compartimento onde Francis Cook expunha uma coleção de arte sacra, cujas peças, segundo a narrativa do periódico *Ilustração Portuguesa* eram "(...) trechos de grandeza que dão à salinha a aparência d'um pequenino museu."<sup>23</sup>

Após esta entrada pelo jardim, encontra-se o Átrio Octogonal. Este espaço centraliza a comunicação entre toda a morada de Monserrate, pois cruza horizontalmente as duas alas e os átrios das entradas centrais (SE e NE) e, verticalmente, comunica com a Galeria Superior dos Quartos. Num dos cortes do projecto de Knowles (1858), este átrio central surge designado como *Circular Salloon*. Nas casas inglesas do século XIX o *Salloon* era um compartimento de carácter imponente articulado com a entrada do jardim. De um lado do *Salloon* normalmente encontrava-se a Sala de Estar, e no outro lado a Biblioteca – como acontece em Monserrate.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> "Habitações Artísticas – O palácio de Monserrate (Notas rápidas)", in *Ilustração Portuguesa*, n.º 47, 26 de setembro de 1904, p. 743.

<sup>24</sup> Kerr, *The Gentleman's House...*, 174 e 175.



A partir do Átrio Octogonal acede-se ao átrio entre os dois Quartos de Hóspedes, com saída para NE. Estes compartimentos possivelmente correspondem aos «Quartos de Cama Especiais», descritos por Robert Kerr da seguinte forma:

"Existem casos numa casa maior em que existe entre a família ou os convidados alguém doente, ou de idade avançada, que esteja incapacitado de subir e descer escadas, e ao mesmo tempo deve manter um lugar no círculo familiar. Nestes casos é desejável providenciar no piso térreo um aposento para inválido, consistindo em quarto, sala de estar, e talvez antecâmara. É raro estes apartamentos servirem para um casal. No entanto, no caso de um filho casado residir com os seus pais, aposentos deste tipo podem ser muito convenientes, porque são separados. Especialmente se forem acessíveis do exterior, nomeadamente por uma entrada particular do jardim."<sup>25</sup>

Para NO, a partir do Átrio Octogonal, segue corredor que define a ala simétrica à anteriormente descrita, com três compartimentos sem portas, originalmente protegidos por um reposteiro.

A Sala de Estar, Sala de Bilhar e Sala de Música destinavam-se ao convívio familiar e social, com preponderância para a criação de momentos lúdicos proporcionados pela música e pelo jogo de bilhar.

A Sala de Estar devia personificar o polo feminino da casa. As suas características decorativas e, sobretudo, a sua localização – afastada a entrada principal – assim o demonstram.

Palácio de Monserrate, Sala de Estar, postal ilustrado c. 1905. © PSML.

David Knights-Whittome, fotógrafo, Palácio de Monserrate, Sala de Estar, 1905. © PSML.

<sup>25</sup> Robert Kerr, 1865, p. 141  
There are cases where in a large Mansion it may be deemed desirable to provide for the contingency of having, either in the family or amongst the guests, someone who by illness, infirmity, or old age, is incapacitated for passing up and down stairs, and at the same time is able to hold a place in the family circle. This is done by forming on the Ground-story an *Invalid Suite*, consisting of Bedroom, Sitting-room, Attendant's-room perhaps, private Lobby, and appurtenances, (...). It is also by no means an infrequent custom to have such a set of apartments formed for a married couple, rather than a single person; and when, as is sometimes the case, a married son, for instance, resides permanently with the parent, a Suite of this kind proves to be very convenient indeed, possessing a great deal of the character of a separate lodging. If specially accessible from without, (...), by one particular Garden Entrance for example.

Palácio de Monserrate, Sala da Música, c. 1920.  
© Arquivo Histórico de Sintra - CMS.



<sup>26</sup> Neto, *Monserrate...*, 109 e 110.

<sup>27</sup> A Sala de Estar era o compartimento onde senhora da casa, onde podia receber visitas no caso de não existir uma "Sala da Manhã", como acontece em Monserrate, devido à sintetização do número e tipologia de compartimentos: «Drawing-Room - This is the Lady's Apartment essentially, being the modern form of the Lady's Withdraw-room, otherwise the Parlour, or perfected Chamber of Medieval plan. If a Morning-room be not provided, it is properly the only Sitting-room of the family. In it also in any case the ladies receive calls throughout the day, and the family and their guests assemble before dinner. After dinner the ladies withdraw to it, and are joined by the gentlemen for the evening. (...) The character to be always aimed at in a Drawing-room is especial cheerfulness, refinement of elegance, and what is called lightness as opposed to massiveness. Decoration and furniture ought therefore to be comparatively delicate; in short, the rule in everything is this - "if the expression may be used -" to be entirely ladylike. The comparison of Dining-room and Drawing-room, therefore, is in almost every way one of contrast.» (Kerr, *The Gentleman's House...*, p. 107).

<sup>28</sup> "Habitações Artísticas - O palacio de Monserrate (Notas rápidas)", in *Ilustração Portuguesa*, n.º 47, 26 de setembro de 1904, p. 743.

<sup>29</sup> Kerr, *The Gentleman's House...*, 108.

No que concerne à decoração, a Sala de Estar devia primar por um ambiente de carácter feminino, alegre, leve, refinado e elegante. As cores mais claras eram bem-vindas, assim como os tecidos leves. O mobiliário desta sala no período da família Cook integrava-se nos hábitos do século XIX plasmados na literatura específica que, dentro dos inúmeros «estilos» disponíveis, tendia a aconselhar mobiliário de estilos orientais ou rococó. Neste caso, optou-se pelo Oriente, com destaque para dois sofás da Índia, em madeira arrendada com entalhados, com estofos e almofadas orientais. Nas paredes encontravam-se panos em seda da Índia e, na parede oposta um espelho veneziano<sup>26</sup>.

A Sala de Estar era o lugar preferencialmente destinado à senhora da casa, onde esta podia receber visitas ao longo do dia e, também, era este o espaço de reunião dos convivas antes do jantar. Após a refeição era para esta sala que as senhoras se dirigiam imediatamente, podendo os senhores juntar-se-lhes após o fumo (na Sala de Jantar ou na Sala de Bilhar, territórios masculinos)<sup>27</sup>.

A designação de «Sala Sul», patente em algumas referências, nomeadamente no periódico *Ilustração Portuguesa*<sup>28</sup>, aprofunda a integração da Sala de Estar de Monserrate no contexto inglês, em que este tipo de compartimentos habitualmente estava voltado ao lado Sul da casa (S/SE/SO). Este posicionamento destinava-se a obter boa exposição solar nas horas em que esta sala era utilizada<sup>29</sup>. No caso do Palácio de Monserrate, o arquiteto optou por expor a «Sala de Estar» a SO, porque permite iluminação desde o meio-dia até ao pôr-do-sol, tornando mais agradáveis as horas em que era utilizada.



Palácio de Monserrate, Sala de Bilhar, c. 1920.  
© Arquivo Histórico de Sintra - CMS.

Na porta em frente à Sala de Estar acede-se à Sala do Bilhar, já mencionada a propósito do território masculino da casa. A sua localização junto às salas de convívio é justificada pela sua função lúdica e social. Na realidade, a proximidade entre as salas de convívio e a Sala de Bilhar, que se verifica nesta casa em Sintra, era mesmo sugerida na obra *The Gentleman's House (...)*, de forma a permitir o acesso das senhoras. No caso de não existir Sala de Fumo, a Sala de Bilhar era utilizada para essa função, como acontece em Monserrate, onde a sintetização dos espaços conduziu a adaptações<sup>30</sup>.

A Sala de Música, ao fundo do corredor, no polo oposto à entrada principal da casa, é a coroa dos compartimentos de Monserrate. As suas dimensões, bem como as suas características arquitetónicas e decorativas permitem que se entenda este espaço como a sala nobre da casa. De facto, era nesta sala que se realizavam as reuniões de convívio entre família e convidados. Aqui acontecia a cerimónia do *five o'clock tea* (chá das cinco) onde se servia «(...) em chávenas que valem fortunas o perfumado chá da Índia.»<sup>31</sup>. Depois da hora do chá, era, também, nesta sala que se fazia música, o grande entretenimento social das tardes e serões do século XIX. Nesse sentido toda a estrutura e decoração da sala convergem para uma acústica de excelência, a qual não se resume somente à sala, mas, propositadamente, a toda a casa, por onde a música se propaga com facilidade<sup>32</sup>. No que diz respeito à decoração, a Sala de Música tinha as mesmas premissas da Sala de Estar, tanto no que concerne ao tipo de mobiliário, como aos tons e tipo de têxteis<sup>33</sup>. No

<sup>30</sup> *Idem*, 120 e 129.

<sup>31</sup> "Habitações Artísticas - O palacio de Monserrate (Notas rápidas)", in *Ilustração Portuguesa*, n.º 47, 26 de setembro de 1904, 743.

<sup>32</sup> «N'aquella sala fazem-se as reuniões, *five-o'clock tea* (...), faz-se música e as condições acústicas da casa são de tal ordem que através do palácio esses sons se espalham (...)» "Habitações Artísticas - O palacio de Monserrate (Notas rápidas)", in *Ilustração Portuguesa*, n.º 47, 26 de setembro de 1904, 743.

<sup>33</sup> Kerr, *The Gentleman's House...*, 114.

Palácio de Monserrate, pormenor da Sala de Bilhar, postal ilustrado, 1928. © PSML.



N.º 119 1.ª Edição *Palacio de Monserrate - Cadeira que pertenceu a um dos primeiros Doges de Veneza.* CINTRA PORTUGAL *Monserrate Palace - Chair which belonged to one of the first Venician Doges.*

caso de Monserrate, apresentava um conjunto de mobiliário composto por mesas, sofás com almofadões e cadeiras estofadas, maioritariamente de origem Indiana, arrendados e com entalhes<sup>34</sup>. No pavimento encontravam-se vários tapetes orientais que, além cumprirem funções acústicas, contribuíam para a criação do ambiente eclético. Isto, porque, aos têxteis e mobiliário oriental estavam adicionadas algumas esculturas de índole clássica. O ambiente geral da Sala de Música era rematado pela colocação de plantas naturais que, aliás, pontuavam um pouco por toda a casa, trazendo para o seu interior natureza natural, além da que já se fazia representar nos estuques e na paisagem visível em todos os vãos abertos para o jardim em redor<sup>35</sup>.

<sup>34</sup> Neto, *Monserrate*, 110.

<sup>35</sup> Milon W. Ellsworth; Mary Wolcott; F. B. Dickerson – *The Successful Housekeeper: Manual of Universal Application, Especially Adapted to the Everyday Wants of American Housewives: Embracing Several Thousand Thoroughly Tested and Approved Recipes, Care and Culture of Children, Birds, and Houseplants, Flower and Window Gardening, Etc., with Many Valuable Hints on Home Decoration*, St. John, N.B.: Earle Publishing House, 1882, 402 e 509.

Entre o piso das salas principais e o piso da cozinha e despensas, os arquitetos Knowles criaram uma Galeria Técnica para as instalações de eletricidade e canalização de água. Estas tecnologias e o cuidado na sua instalação em ambiente doméstico são demonstrativas da vocação para o conforto das moradas de elite ao longo do século XIX, de que Monserrate é um modelo exemplar. Em consequência das referidas premissas relacionadas com o conforto, conveniência, privacidade e salubridade características deste período, casa tornara-se num objeto de experiência e inovação, particularmente ao nível das tecnologias e do design colocados ao serviço



10014 — Cintra — Palacio Monserrate — Galeria

Palácio de Monserrate, Galeria, postal ilustrado, c. 1900. © PSML.

dos habitantes. Estes benefícios tecnológicos foram bem aceites, numa época em que crescia o clima de confiança na cientificidade, principalmente entre a burguesia, de que Francis Cook fazia parte<sup>36</sup>. As novas tecnologias inseridas na habitação colocavam estas moradas no patamar do luxo e da exceção.<sup>37</sup>

Em Monserrate é possível, assim, contemplar um testemunho paisagístico, arquitetónico, tecnológico e artístico do que se pode designar como um ambiente romântico vocacionado para o lazer, descanso e hedonismo, próprios dos meses de veraneio da alta sociedade inglesa. Onde o valor da informalidade e da vivência familiar, e entre amigos, adquiria uma importância cada vez maior.<sup>38</sup>

Como se observou, no projecto de adaptação do palacete setecentista de De Visme, os arquitectos Knowles implementaram o modelo de organização interna da casa inglesa do século XIX, adaptado à escala de um pavilhão de jardim. A percepção deste modelo permite compreender mais profundamente toda a construção, nomeadamente as opções estéticas da arquitetura e decoração, a articulação dos compartimentos, as características técnicas em prol do conforto e a forma como se concretizaram as aspirações vivenciais românticas da família Cook.

<sup>36</sup> «It is hard to say, on the evidence available, whether the upper classes were slower than the new families to fit up their houses with new technical appliances. (...) Owners of inherited houses were under no great pressure to modernize them (...) and no doubt there were conservative landowners who were suspicious of new gadgets when rebuilding. (...) comfort (and the new techniques that went with it) is *nouveau-riche*, unhealthy, or, even worse, American. (...) August here, in his interminable country house peregrinations, uses the word "luxurious" almost exclusively for the houses of the new rich.» Girouard, Mark, «Technology, Comfort, Snobbery and Aesthetics». In *The Victorian Country House*. Londres: Clarendon Press, 1971, 26.

<sup>37</sup> Eleb-Vidal, Monique e Anne Debarre-Blanchard – «VIII - Le Luxe et ses Rapports Avec la Notion de Besoin au XIX<sup>e</sup> Siècle». In *Architectures de la Vie Privée. XVII<sup>e</sup> - XIX<sup>e</sup>*. Bruxelas: Archives de l'Architecture Moderne, 1989, 261 a 262.

<sup>38</sup> Mark Girouard, «The Arrival Of Informality: 1770-1830». In *Life in the English Country House. A Social and Architectural History*. Yale University Press, 1984, p. 213 a 219.